

**CONCEITOS PARA A AVALIAÇÃO
POLÍTICA
- ÉPOCA, ETAPA E SITUAÇÃO DA LUTA DE
CLASSES**

SITUAÇÃO REVOLUCIONÁRIA, ETAPA, ÉPOCA e PROGRAMA: CONCEITOS PARA COMPREENDER A CORRELAÇÃO DE FORÇAS IMEDIATA E HISTÓRIA e COMO ATUAR SOBRE ELA

Entre a avaliação da realidade e a atuação sobre ela. Avaliação das forças e ação...Uma reflexão a partir de Sun Tzu (A arte da guerra)

CAPÍTULO I - DA AVALIAÇÃO

Sun Tzu diz: A guerra tem importância crucial para o Estado. É o reino da vida e da morte. Dela depende a conservação ou a ruína do império. Urge bem regulá-la. Quem não reflete seriamente sobre o assunto evidencia uma indiferença condenável pela conservação ou pela perda do que mais se preza.

Isso não deve ocorrer entre nós.

A arte da guerra implica cinco fatores principais, que devem ser o objeto de nossa contínua meditação e de todo o nosso cuidado, como fazem os grandes artistas ao iniciarem uma obra-prima. Eles têm sempre em mente o objetivo a que visam, e aproveitam tudo o que vêem e ouvem, esforçando-se para adquirir novos conhecimentos e todos os subsídios que possam conduzi-los ao êxito.

Se quisermos que a glória e o sucesso acompanhem nossas armas, jamais devemos perder de vista os seguintes fatores: a doutrina, o tempo, o espaço, o comando, a disciplina.

A *doutrina* engendra a unidade de pensamento; inspira-nos uma mesma maneira de viver e de morrer, tornando-nos intrépidos e inquebrantáveis diante dos infortúnios e da morte.

Se conhecermos bem o *tempo*, não ignoraremos os dois grandes princípios yin e yang, mediante os quais todas as coisas naturais se formam e dos quais todos os elementos recebem seus mais diversos influxos.

Apreciaremos o tempo da interação desses princípios, para a produção do frio, do calor, da bonança ou da intempérie.

O *espaço*, como o tempo, não é menos digno de nossa atenção. Se o estudarmos bem, teremos a noção do alto e do baixo; do longe e do perto; do largo e do estreito; do que permanece e do que não cessa de fluir.

Entendo por *comando* a equidade, o amor pelos subordinados e pela humanidade em geral. O conhecimento de todos os recursos, a coragem, a determinação e o rigor são as qualidades que devem caracterizar aquele que investe a dignidade de general. São virtudes necessárias que devemos adquirir a qualquer preço. Somente elas podem tornar-nos aptos a marchar dignamente à frente dos outros.

Aos conhecimentos acima mencionados convém acrescentar o de *disciplina*. Possuir a arte de ordenar as tropas; não ignorar nenhuma das leis da hierarquia e fazer com que sejam cumpridas com rigor; estar ciente dos deveres particulares de cada subalterno; conhecer os diferentes caminhos que levam a um mesmo lugar; não desdenhar o conhecimento exato e detalhado de todos os fatores que podem intervir; e informar-se de cada um deles em particular. Tudo isso somado constitui uma doutrina, cujo conhecimento prático não deve escapar à sagacidade nem à atenção de um general.

Se tu - que a escolha do príncipe colocou à testa dos exércitos - calcas teus fundamentos de ciência militar sobre os cinco princípios que acabo de estabelecer, a vitória será teu galardão. Em compensação, sofrerás as mais abjetas derrotas se, por ignorância ou presunção, vieres a omiti-los ou a rejeitá-los.

Esses conhecimentos te permitirão discernir, entre os príncipes que governam o mundo, aquele que ostenta mais doutrina e virtudes. Conhecerás grandes generais nos mais diversos reinos, de forma que poderás prever com segurança qual dos adversários será vencedor; e se tiveres que intervir na contenda, poderás certamente gabar-te da vitória.

Esses mesmos conhecimentos farão com que prevejas os momentos mais propícios, pois o *tempo* e o *espaço* devem conjugar-se para orientar o movimento e os itinerários das tropas, cujas marchas regularás com precisão.

Jamais comeces ou termines uma campanha fora do momento azado.

Conhece o ponto forte e o fraco tanto dos que forem confiados a teus cuidados quanto dos inimigos. Informa-te da quantidade e do estado em que se encontram as munções e os víveres dos dois exércitos. Distribui recompensas com liberalidade, mas com critério. Não poupes castigos, quando necessários.

Conquistados por tuas virtudes e tuas capacidades, os oficiais colocados sob tuas ordens te servirão tanto por prazer quanto por dever. Eles se espelharão em teu exemplo; o exemplo deles servirá para os subordinados, e os soldados rasos, por sua vez, tudo farão para te assegurar o mais glorioso sucesso.

Estimado, respeitado, amado pelos teus, os povos vizinhos virão espontaneamente juntar-se aos estandartes do príncipe que serves, quer para viver sob suas leis, quer simplesmente para obter proteção. Ciente de tuas capacidades e limitações, não inicies nenhuma empreitada que não possas levar a cabo. Decifra, com a mesma argúcia, o longe e o perto, para que o que se desenrola sob teus olhos seja idêntico ao que deles está mais recôndito.

Aproveita a dissensão entre os inimigos para atrair os descontentes para o teu campo, não regateando promessas, oferendas ou recompensas.

Se teus inimigos forem mais poderosos e mais fortes, não os ataques.

Evita cuidadosamente o que pode redundar num conflito generalizado.

Dissimula sempre, com extremo cuidado, o estado de tuas forças.

Haverá ocasiões em que te rebaixarás, e outras em que simularás medo. Finge ser fraco a fim de que teus inimigos, abrindo a porta para a presunção e para o orgulho, venham atacar-te em hora errada, ou sejam surpreendidos e derrotados vergonhosamente. Age de tal forma que teus inferiores jamais descubram teus projetos. Mantém tuas tropas sempre de prontidão, ocupadas e em movimento, para evitar que uma infame ociosidade as quebrante.

Se vês algum interesse em meus planos, cria situações que contribuam para sua realização. Entendo por "situação" que o general aja eficientemente, em harmonia com o que é vantajoso e, dessa forma, demonstre controle e equilíbrio.

Toda campanha militar repousa na dissimulação. Finge desordem.

Jamais deixes de oferecer um engodo ao inimigo, para ludibriá-lo. Simula inferioridade para encorajar sua arrogância. Atiça sua raiva para melhor mergulhá-lo na confusão. Sua cobiça o arremeterá contra ti e, então, ele se estilhaçará.

Apresta os preparativos quando teus adversários se concentrarem.

Quando forem poderosos, evita-os.

Mergulha o adversário em inextricáveis provações e prolonga seu esgotamento, mantendo-te a distância. Procura fortificar tuas alianças externas e consolidar tuas posições internas.

Quão lamentável é arriscar tudo em um único combate, negligenciando a estratégia vitoriosa, e fazer com que o destino de tuas armas dependa de uma única batalha!

Quando o inimigo estiver unido, divide-o. Ataca-o, quando ele estiver despreparado. Irrrompe onde ele menos espera. Tais são as estratégias da vitória. Mas toma cuidado de não te servires delas antes da hora.

O general deve basear-se em avaliações prévias. Elas apontam para a vitória quando demonstram que sua força é superior à do inimigo. Indicam a derrota quando demonstram inferioridade.

Com numerosos cálculos, pode-se obter a vitória. Teme quando os cálculos forem escassos. E quão poucas chances de vencer tem aquele que nunca calcula!

Graças a esse método, eu, Sun Tzu, avalio a situação e o desfecho se perfilará claramente.

OS DISTINTOS MOMENTOS DA CORRELAÇÃO DE FORÇAS NA LUTA DE CLASSES

Época...

A época do imperialismo capitalista é a época do capitalismo maduro e mais que maduro, do capitalismo que está em vésperas da sua derrocada, que amadureceu o suficiente para dar lugar ao socialismo. O período de 1789 a 1871 foi a época do capitalismo progressista, em que na ordem do dia da história estava o derrube do feudalismo e do absolutismo, a libertação do jugo estrangeiro. Nesse terreno, e só nele era admissível a «defesa da pátria», isto é, a defesa contra a opressão. Este conceito poderia ainda hoje ser aplicado a uma guerra contra as grandes potências imperialistas, mas seria absurdo aplicá-lo à guerra entre as grandes potências imperialistas, à guerra na qual se trata de saber quem pilhará mais os países balcânicos, a Ásia Menor, etc. Não é por isso de espantar que os «socialistas» que reconhecem a «defesa da pátria» na presente guerra evitem o manifesto de Basileia como o ladrão evita o lugar do roubo. É que o manifesto demonstra que eles são sociais-chauvinistas, isto é, socialistas em palavras e chauvinistas na realidade, que ajudam a «sua» burguesia a pilhar países estrangeiros, a subjugar outras nações. O que é essencial na noção de «chauvinismo» é a defesa da «sua» pátria mesmo quando as ações desta visam escravizar as pátrias alheias. Lênin (Os oportunistas e a falência da II Internacional)

A caracterização de época revolucionária é um conceito elaborado para descrever um longo período histórico de decadência do capitalismo, e tem como prognóstico central a perspectiva de que revoluções são possíveis. A sua utilização para descrever a época aberta pela Primeira Guerra Mundial não foi de

Trotsky, mas de Lenin, que recuperou a fórmula de Marx. O sentido desta caracterização foi ressaltar que, a partir da Primeira Guerra Mundial, se abriu uma longa fase de declínio do capitalismo, um intervalo de época histórica, portanto, um longo período secular, no qual o crescimento das forças produtivas passaria a estar, tendencialmente, bloqueado, potencializando as forças destrutivas. A caracterização de época revolucionária que assumimos não depende da avaliação da relação de forças entre as classes. Esse critério deve ser considerado para julgar quando uma situação nacional ou internacional é contrarrevolucionária ou revolucionária – ou as inúmeras situações intermediárias entre estes extremos, isto é, aquelas que evoluem de reacionárias para pré-revolucionárias ou, inversamente, regridem – ou seja, uma temporalidade política, determinada pela relação de forças. As variáveis que devem ser consideradas para uma apreciação de época, a mais longa duração, são históricas, ou seja, mais econômico-sociais do que políticas, e remetem a uma avaliação da dinâmica do capitalismo.

(...)

Dizer que a época da revolução social estava aberta, uma caracterização comum a todo o marxismo da III

Internacional, não significava o mesmo que dizer que a situação internacional seria revolucionária. A Comintern julgou, por exemplo, que depois da derrota de 1923, na Alemanha, a situação revolucionária na Europa tinha se encerrado – hipótese considerada desde 1921 – com uma inversão desfavorável da relação de forças, porém, não concluiu que o sentido da época tivesse sido revertido. (Valério Arcary, em resposta a Sérgio Lessa)

As Etapas

Toda época tem suas etapas. As etapas são períodos prolongados de tempo em que a relação de forças entre as classes em luta se mantém constante. O fato de que vivemos uma época revolucionária a nível mundial desde 1917 não significa que nestes últimos 66 anos sempre tenha estado o proletariado numa ofensiva revolucionária. Como em toda luta, existem períodos em que o inimigo contra-ataca e retoma a ofensiva. Neste caso, pode dar-se uma etapa de ofensiva ou contra-ataque contra-revolucionário burguês, dentro da época da revolução operária e socialista.

Desde a revolução russa passamos por três grandes etapas:

1) A Etapa da Ofensiva Revolucionária da Classe Operária

Inicia-se com a revolução russa e se estende com sucessivas revoluções: a alemã, a húngara, a chinesa, a turca, etc. A única que consegue triunfar é a russa (1917-23).

2) A Etapa da Contra-Revolução Burguesa

Insinua-se com o primeiro triunfo contra-revolucionário burguês: o fascismo italiano; consolida-se claramente com a vitória do hitlerismo na Alemanha, que derrota o proletariado mais organizado do mundo, e culmina com a derrota da revolução espanhola e com a ofensiva militar do nazismo na segunda guerra mundial, vitoriosa até 1943 (1923-43).

3) A Nova Etapa Revolucionária

Inicia-se com a derrota do exército nazista em Stalingrado e abre um período de revoluções triunfantes que se estende até o presente.

A primeira delas é a iugoslava, passa por sua máxima expressão na chinesa e teve sua última vitória (no sentido de que se expropria a burguesia e se constrói um estado operário), até agora, no Vietnã, em 1974.

Chamamos esta etapa de "revolução iminente", porque, diferente da etapa aberta com a revolução russa, cujo impacto se resumiu a alguns países da Europa e do Oriente, na presente etapa a revolução eclode e ocasionalmente triunfa em qualquer parte do globo: nos países semicoloniais ou coloniais (China, Vietnã, Cuba, Irã, Angola e etc.) Nos próprios países imperialistas (ainda que somente nos mais débeis, como Portugal) e nos estados operários (Hungria, Polônia).

Situação revolucionária: Lênin e Trotsky

Texto 1: Lênin

Para um marxista não há dúvida de que a revolução é impossível sem uma situação revolucionária, mas nem toda situação revolucionária conduz à revolução. Quais são, de maneira geral, os indícios de uma situação revolucionária?

Estamos certos de não nos enganarmos ao indicar os três principais pontos que seguem: (1) A impossibilidade para as classes dominantes manterem sua dominação de forma inalterada: crise da "cúpula", uma crise da política da classe dominante abre uma brecha através da qual avançam o descontentamento e a indignação das classes oprimidas. Para que a revolução estoure, não basta que "os de baixo não queiram mais" viver como antes, mas é preciso também que "os de cima não possam" viver como até então; (2) Um agravamento, além do comum, da miséria e dos sofrimentos das classes oprimidas; (3) Um desenvolvimento acentuado, em virtude das razões indicadas antes, da atividade das massas, que se deixam saquear tranquilamente nos períodos "pacíficos", mas que, nos períodos agitados, são empurradas, tanto pela crise de conjunto *como pela própria "cúpula"*, para uma ação histórica independente.

Sem estas alterações objetivas, independentes não somente da vontade destes ou daqueles grupos e partidos, mas também destas ou daquelas classes, a revolução é, como regra geral, impossível. É o conjunto dessas alterações objetivas que constitui uma situação revolucionária. Esta situação se viveu em 1905 na Rússia e em todas as épocas de revoluções no Ocidente; mas ela existiu também nos anos 60 do século passado da Alemanha, assim como em 1859-1861 e 1879-1880 na Rússia, embora não tenha havido revoluções em tais momentos. Por que? Porque a revolução não surge de toda situação revolucionária, mas somente nos casos em que a todas as alterações objetivas acima enumeradas vem juntar-se uma alteração subjetiva, a saber: a capacidade, no que respeita a classe revolucionária, de conduzir ações revolucionárias de massas suficientemente *vigorosas* para quebrar ou destruir o antigo governo, que não "cairá" nunca, mesmo em épocas de crise, sem "ser derrubado".

Essa é a concepção marxista da revolução, concepção muitas e muitas vezes desenvolvida e tida como indiscutível por todos os marxistas e que, para nós russos, foi confirmada com particular realce pela experiência de 1905.(...)

(...) Numa palavra, a situação revolucionária é já um fato na maior parte dos países avançados e nas grandes potências da Europa.(...)

Esta situação se manterá por muito tempo? Quanto se agravará? Conduzirá a uma revolução? Ignoramos isso e ninguém pode sabê-lo. Somente a *experiência* do avanço do estado de espírito revolucionário e da passagem da classe mais avançada, o proletariado, a ação revolucionária dará resposta a essas perguntas. Não se trataria, nesse caso, nem de ilusões em geral, nem do desmoronamento delas, pois nenhum socialista jamais e em nenhum lugar, garantiu que a revolução seria engendrada precisamente pela guerra atual (e *não* pela próxima), pela situação revolucionária presente (e não pela de amanhã).

Trata-se, isto sim, do dever mais incontestável e essencial de todos os socialistas: o dever de revelar às massas a existência de uma situação revolucionária, de explicar-lhes sua amplitude e profundidade, de despertar a consciência e energia revolucionária do proletariado, de ajudá-lo a passar à ação revolucionária e a criar organizações adequadas a situação revolucionária e que sirvam para trabalhar nessa direção. (A falência da II Internacional, Ed. Kairós, parte II, pág 27)

Texto 2: Lênin

A lei fundamental da revolução, confirmada por todas as revoluções, e em particular pelas três revoluções russas do século XX, consiste no seguinte: para a revolução não basta que as massas exploradas e oprimidas tenham consciência da impossibilidade de continuar vivendo como vivem e exijam mudanças; para a revolução é necessário que os exploradores não possam continuar vivendo e governando como vivem e governam. Só quando *'os de baixo' não querem e "os de cima" não podem* continuar vivendo como antes, só então pode triunfar a revolução. Dito de outra forma, esta verdade se expressa com as seguintes palavras: a revolução é impossível sem uma crise nacional geral (que afete a explorados e exploradores). Por conseguinte, para que estoure a revolução é necessário, em primeiro lugar, conseguir que a maioria dos operários (ou, em todo caso, a maioria dos operários conscientes, reflexivos e politicamente ativos) compreenda a fundo a necessidade da revolução e esteja disposta a sacrificar a vida por ela; em segundo lugar, é preciso que as classes dirigentes sofram unia crise governamental que arraste à política inclusive as massas mais atrasadas (o sintoma de toda revolução verdadeira é a decuplicação ou até a centuplicação do número de pessoas aptas para a luta política pertencentes a massa trabalhadora e oprimida, antes apática), que reduza o governo à impotência e torne possível seu rápido derrocamento pelos revolucionários. (O 'esquerdismo', doença infantil do comunismo, parte IX)

Texto 1: Trotsky

O Que É uma Situação Revolucionária?

Para analisar uma situação, de um ponto de vista revolucionário, é necessário distinguir entre as condições econômicas e sociais de uma situação revolucionária e a situação revolucionária propriamente dita as condições econômicas e sociais de uma situação revolucionária se dão, em geral, quando as forças produtivas de um país estão em decadência; quando diminui sistematicamente o peso do país capitalista no mercado mundial e os recursos das classes também se reduzem sistematicamente; quando o desemprego já não é simplesmente a consequência de uma flutuação conjuntural, mas um mal social permanente com tendência a se elevar. Estas são as características da situação da Inglaterra; podemos dizer que ali se dão e se aprofundam diariamente as condições econômicas e sociais de uma situação revolucionária. Porém, não podemos esquecer que a situação revolucionária deve ser definida politicamente – não apenas sociologicamente –, e aqui entra o fator subjetivo, o qual não consiste somente no problema do partido do proletariado, mas que é uma questão de consciência de todas as classes, obviamente, fundamentalmente do proletariado e seu partido.

A situação revolucionária somente existe quando as condições econômicas e sociais que permitem a revolução provocam mudanças bruscas na consciência da sociedade e de suas diferentes classes. Quais mudanças?

Para nossa análise devemos considerar as três classes sociais: a capitalista, a classe média e o proletariado. São muito diferentes as mudanças de mentalidade necessárias em cada uma destas classes.

O proletariado britânico sabe muito bem, muito melhor que todos os teóricos, que a situação econômica é muito grave. Porém, a situação revolucionária se desenvolve apenas quando o proletariado começa a buscar uma saída, não sobre os trilhos da velha sociedade mas pelo caminho da insurreição revolucionária contra a ordem existente. Esta é a condição subjetiva mais importante de uma situação revolucionária. A intensidade dos sentimentos revolucionários das massas é um dos índices mais importantes da maturidade da situação revolucionária.

Contudo, a etapa seguinte à situação revolucionária é a que permite ao proletariado converter-se na força dominante da sociedade, e isto depende até certo ponto (ainda que menos na Inglaterra que em outros países) das idéias e sentimentos políticos da classe média, de sua desconfiança em todos os partidos tradicionais

(incluindo o Partido Trabalhista, que é reformista, ou seja, conservador) e de que deposite suas esperanças numa mudança radical, revolucionária, da sociedade (e não numa mudança contra-revolucionária, isto, fascista).

As mudanças no estado de ânimo da classe média e do proletariado correspondem e são paralelas às alterações no estado de ânimo da classe dominante. Quando esta enxerga que é incapaz de salvar seu sistema, perde confiança em si mesma, começa a se desintegrar, divide-se em frações e camarilhas.

Não se pode saber de antemão, nem indicar com exatidão matemática, em que momento desses processos, a situação revolucionária está madura. O partido revolucionário apenas pode descobri-lo através da luta pelo crescimento de suas forças e influência sobre as massas, sobre os camponeses e a pequena burguesia das cidades etc.; e pelo debilitamento da resistência das classes dominantes.

Aplicando estes critérios à situação da Grã Bretanha, vimos que:

As condições econômicas e sociais existem e se tornam mais prementes e agudas.

Todavia, estas condições econômicas não provocarão uma resposta psicológica. Não faz falta uma mudança nas condições econômicas, já intoleráveis, mas uma mudança na atitude das distintas classes diante desta intolerável e catastrófica situação que vive a Inglaterra.

O desenvolvimento econômico da sociedade é um processo muito gradual, que se mede em séculos e décadas. Porém, quando se alteram radicalmente as condições econômicas, a resposta psicológica, já demorada, pode aparecer muito rápido. E, assim, sucedendo rápida ou lentamente, essas mudanças inevitavelmente devem alterar o estado de ânimo das classes. Somente então temos uma situação revolucionária.

Em termos políticos, isto significa:

Que o proletariado deve perder sua confiança não apenas nos conservadores e nos liberais mas também no Partido Trabalhista. Deve concentrar sua vontade e sua coragem nos objetivos e métodos revolucionários.

Que a classe média deve perder sua confiança na grande burguesia, nos senhores, e voltar seus olhos ao proletariado revolucionário.

Que as classes possuidoras, as camarilhas governantes, rechaçadas pelas massas, perdem a confiança em si mesmas.

Essas atitudes se desenvolverão inevitavelmente, porém ainda não existem. Podem desenvolver-se num breve lapso devido à gravidade da crise. Este processo pode durar dois ou três anos, inclusive um ano. Porém, hoje é uma perspectiva, não um fato. Temos que assentar nossa política nos fatos de hoje, não nos de amanhã.

As condições políticas de uma situação revolucionária se desenvolvem simultânea e mais ou menos paralelamente, todavia isso não significa que amadureçam todas ao mesmo tempo: esse é o perigo que nos ameaça. Das condições políticas atuais, a mais imatura é o partido revolucionário do proletariado. Não está excluída a possibilidade de que a transformação revolucionária do proletariado e da classe média, e a desintegração da classe dominante, se desenvolvam mais rapidamente que a maturação do Partido Comunista. Isso significa que poderia se dar uma verdadeira situação revolucionária sem um partido revolucionário adequado. Em certa medida, se repetirá o que ocorreu na Alemanha em 1923. Porém, é um erro absoluto considerar que esta é hoje a situação da Inglaterra.

Dizemos que não está excluída a possibilidade de que o partido possa estar em descompasso com os demais elementos da situação revolucionária, todavia não é inevitável. Não podemos fazer um prognóstico exato, mas aqui não se trata de um problema de prognósticos e sim de nossa atividade.

Nesta conjuntura, quanto tempo necessitará o proletariado britânico para romper seus vínculos com os três partidos burgueses? É muito possível que, com uma política correta, o Partido Comunista cresça proporcionalmente à bancarrota e desintegração dos demais partidos. Nosso objetivo e nosso dever são concretizar essa possibilidade.

Conclusões: isso é suficiente para explicar porque é totalmente errôneo colocar que na Inglaterra o conflito político se dá entre a democracia e o fascismo. A era fascista começa, seriamente, depois de uma vitória importante e temporalmente decisiva da burguesia sobre a classe operária. Contudo, na Inglaterra as grandes lutas ainda não ocorreram. Como já assinalamos, referindo-nos a outro tema, o próximo capítulo político da Inglaterra, depois da queda do governo nacional e do conservador que provavelmente o suceda – será possivelmente liberal-trabalhista –, que num futuro próximo pode se tornar mais perigoso que o espectro do fascismo. Condicionadamente, denominamos esta etapa como kerenskismo britânico.

Todavia, há que acrescentar que não necessariamente em toda etapa e em todos os países o kerenskismo será tão débil como foi o russo, que o era porque o Partido Bolchevique era forte. Por exemplo, na Espanha o kerenskismo – a coalisão de liberais e “socialistas” – não é, de maneira alguma, tão débil como o foi na Rússia, e isso se deve à debilidade do Partido Comunista. O kerenskismo combina a fraseologia reformista, “revolucionária”, “democrática”, “socialista” e as reformas sociais democráticas de importância secundária com a repressão à ala esquerda da classe operária.

É um método oposto ao do fascismo, porém serve aos mesmos fins. A derrota do futuro lloydgeorgismo somente será possível se sabemos prever sua chegada, se não nos deixamos hipnotizar pelo espectro do

fascismo – que hoje é um perigo muito mais distante que Lloyd George e sua ferramenta do futuro, o Partido Trabalhista. Amanhã o perigo pode ser o partido reformista, o bloco de liberais e socialistas; o perigo fascista, todavia, está muito distante. Nossa luta para eliminar a etapa fascista e eliminar ou reduzir a etapa reformista é a luta por ganhar a classe operária para o Partido Comunista.

Texto 2: Trotsky

A experiência histórica estabeleceu as condições básicas para o triunfo da revolução proletária, que foram esclarecidas teoricamente:

(1) O impasse da burguesia e a conseqüente confusão da classe dominante; (2) A aguda insatisfação e a ânsia de mudanças decisivas nas fileiras da pequena-burguesia, sem cujo apoio a grande burguesia não pode se manter; (3) A consciência da situação intolerável e a disposição para ações revolucionárias nas fileiras do proletariado; (4) Um programa claro e uma direção firme da vanguarda proletária.

Estas são as quatro condições para o triunfo da revolução proletária. A razão principal da derrota de muitas revoluções radica no fato de que estas quatro condições raramente alcançam ao mesmo tempo, o necessário grau de amadurecimento. (Manifesto de Emergência, Escritos, Tomo XI, vol. 2, Ed. Pluma)

As novas situações contra-revolucionárias.

Como já vimos, o fascismo triunfante é a contra-revolução burguesa. Para que a contra-revolução tenha êxito também é necessário que ocorram uma série de condições, uma situação contra-revolucionária. Elas são:

1º) Que tenha havido previamente um ascenso revolucionário da classe operária, provocado pela crise econômica e política da burguesia, que ameaça o Estado e o regime burguês.

2º) Que este ascenso tenha aterrorizado a burguesia ao ponto de fazer com que setores decisivos dela estejam a favor do emprego de métodos de guerra civil para acabar com esse perigo.

3º) Que grandes setores da pequena-burguesia se inclinem para o lado burguês e entrem em choque com o proletariado. Em linhas gerais, podemos dizer que este fenômeno ocorre porque o proletariado é dirigido por partidos reformistas, que se negam a lutar pelo poder e a aniquilar o perigo fascista ou golpista, nas ruas e pelas armas. A pequena-burguesia, como classe vacilante que é, afundada pela crise, se não vê um curso enérgico e claramente dirigido pelo proletariado, inclina-se a buscar uma saída para a crise através da contra-revolução.

4º) Que o proletariado esteja confuso e desorientando, precisamente por culpa de suas direções reformistas e contra-revolucionárias.

Estas situações contra-revolucionárias são parecidas, em linhas gerais, antes e depois da Segunda Guerra Mundial. Mas variam fundamentalmente quanto ao papel que cumpre a pequena-burguesia na contra-revolução. Antes da Segunda Guerra Mundial, na contra-revolução fascista, a pequena-burguesia, junto com os marginais da sociedade, era organizada, mobilizada e armada pelos monopólios, num grande movimento que atacava e esmagava o proletariado com métodos de guerra civil. Depois da esmagadora derrota do fascismo e do nazismo, na II Guerra, as novas contra-revoluções são fundamentalmente golpes militares. São precedidas por ataques terroristas contra a vanguarda do movimento operário, ataques de tipo “guerrilheiro”, executados por pequenos bandos paramilitares e parapoliciais. Uma vez vitorioso o golpe, aplicam-se métodos de terrorismo de estado seletivo, que aniquilam a vanguarda operária e popular, executados diretamente pelas forças armadas e policiais. A pequena-burguesia cumpre um papel muito importante como base social de apoio a esses golpes contra-revolucionários, mas é mais um papel passivo: não se mobiliza nem se arma massivamente para derrotar a classe operária nas ruas. (Moreno)

Sérgio Lessa (resenha As esquinas perigosas da história)

O livro de Valério Arcary *As esquinas perigosas da história*, conseguiu uma raríssima unanimidade. De reconhecidos defensores de Stálin, como o professor Quartim de Moraes, a dirigentes políticos muito distantes das posições políticas defendidas pelo autor, como João Pedro Stédile, do MST, passando pela totalidade de seus resenhistas, todos reconhecem a importância e atualidade da obra. Importância do tema (a complicadíssima questão das situações e crises revolucionárias), competência do autor (que domina como poucos as crises de nossos tempos) e atualidade metodológica (com o emprego de reconhecidas categorias marxianas) são atributos que todos coincidem em reconhecer.

Sua tese central é que a fase terminal do modo de produção capitalista resultaria em refrações em escala nacional sob a forma de crises e situações revolucionárias: França (1968), Espanha (década de 1930), Alemanha (1918-1923, 1929-1933), Chile (1973), Portugal (1975), queda da ditadura militar Argentina (1978), campanha das Diretas no Brasil (1984); as derrubadas de Collor no Brasil, de Mobutu no Zaire, de Andrés Peres na Venezuela, de Suharto na Indonésia; Inglaterra (anos 1920 e meados dos anos de 1970), Bolívia (1995), Haiti (1980), Paraguai (1990),

Tchecoslováquia (1989) e, finalmente, o bloco soviético entre 1989 e 1991. Viveríamos uma situação

história em que tenderiam a desaparecer as situações não-revolucionárias e na qual "raros são os países que não viveram processos de revolução social" (p. 94; tb. p. 119). Neste contexto histórico, as crises tenderiam a se converter em processos revolucionários de dois tipos: os "fevereiros", revoluções políticas que marcariam as mudanças de regime político, e os "outubros", revoluções sociais que colocariam em questão o próprio capital. Ao longo do século XX, segundo o autor, teríamos vivenciado cinco vagas revolucionárias (1917-1923, 1930-1937, 1944-1964, 1968-1990, 1989-1991) e, provavelmente, estaríamos no presente momento presenciando uma sexta com uma característica original: a primeira tendo por epicentro a América Latina.

Aceitando-se os pressupostos do autor e identificando todas estas crises como revoluções ("fevereiros" ou "outubros"), a questão inevitável seria a razão desta impressionante sucessão de revoluções ter dado origem a uma não menos impressionante sucessão de derrotas.

Valério Arcary não tem dúvidas a este respeito. Dado que desde o século XIX a história é a da crise estrutural do modo de produção capitalista, as causas das derrotas não poderiam ter qualquer base na situação histórico-objetiva. Resta, portanto, o fator subjetivo. É neste sentido que evolui Arcary: nas derrotas, o fator predominante teria sido a carência da consciência revolucionária das massas. Este seria a principal causa do esgotamento da maioria dos processos revolucionários, "fevereiros" ou, mais raramente, "outubros". A resolução do problema da subjetividade seria, portanto, a questão decisiva desta nossa quadra histórica.

Por questão subjetiva, o autor também possui uma posição inequívoca: "não há consciência sem organização, não há organização sem direção" (p. 56). A resolução da questão da consciência passaria pela existência da direção de uma organização revolucionária. Tal organização, por sua vez, deve ser centralizada, pois a história teria evidenciado que revoluções requerem direções centralizadas (p. 48; e p. 70-71). A carência de uma direção revolucionária de um partido centralizado seria, para o autor, o fator principal nos esgotamentos dos processos revolucionários das cinco vagas de revoluções que conhecemos até o presente momento.

Esta concepção do que seria o fator subjetivo em um processo revolucionário articula-se, por sua vez, com uma concepção bastante ampla dos processos revolucionários. A longa lista do que o autor considera situações revolucionárias e que incluem processos tão distintos quanto a queda de um Collor, no Brasil, até a derrubada de Kerenski, requer imperativamente uma concepção amplíssima de revolução. Segundo o autor, as revoluções seriam a "aceleração dos ritmos históricos da mudança, pela agudização da luta dos sujeitos sociais", com duas características fundamentais: 1) "uma crise terminal do regime político de dominação"; e 2) "uma mudança de relação de forças tão profunda entre as classes que se abre um período de pluralidade de poderes" (p. 36-37). Não seria a transição de um modo de produção a outro, portanto, não seria o papel histórico que definiria uma revolução, mas sim a eclosão de uma crise com as duas características mencionadas, mesmo que seu resultado final não efetue a passagem ao socialismo e ao comunismo.

Esta ampla definição coloca um problema imediato. A dualidade de poderes, típica dos processos revolucionários, não compareceu nas crises dos últimos 25 anos, como o próprio autor assinala. Esta dificuldade é enfrentada por uma ampliação ainda maior do conceito de revolução. Estas conteriam não apenas a forma clássica da dualidade de poderes, mas também uma nova modalidade não "institucionalizada" (p. 37).

Tanto esta concepção da subjetividade revolucionária (só existe em presença da direção de um partido centralizado), quanto esta concepção de revolução (não a passagem de um modo de produção a outro, mas um levante das massas), estão longe de serem uma unanimidade entre os revolucionários. Tal como o autor argumenta que a história demonstrou que sem direção centralizada não há revolução, seria também possível argumentar que esta mesma história também demonstrou que as revoluções lideradas por partidos centralizados foram incapazes de realizar a transição ao socialismo. Do mesmo modo, poder-se-ia recorrer à história para argumentar o exato oposto de Valério Arcary, isto é, que o capitalismo tem demonstrado sua enorme plasticidade e capacidade em conter conflitos os quais, mesmo quando extravasam a forma institucional burguesa, não têm sido capazes de superar os limites do capital. Teríamos, então, não as cinco ou seis vagas revolucionárias de "fevereiros" e "outubros", mas um longo período histórico em que o capital teria sido capaz não apenas de superar, mas absorver estas crises, impulsionando a si mesmo a novos patamares de desenvolvimento.

Parece-nos que a forma como Valério Arcary recorre à história abre sempre a possibilidade de se voltar o argumento contra o que ele pretende demonstrar. Assim, por exemplo, nem a complexa relação entre a teoria revolucionária, a direção política e o movimento espontâneo das massas trabalhadoras que marca as revoluções, nem a caracterização dos nossos dias como uma vaga revolucionária ou como um período contra-revolucionário, são questões que poderiam ser resolvidas por um recurso à evidência histórica tal como encontramos no texto.

Fica ainda, em aberto, uma outra questão. Se, de fato, vivenciamos no passado recente as vagas revolucionárias identificadas por Valério Arcary; se, realmente, todas as condições objetivas para as revoluções já estariam historicamente maduras há quase um século, por que a questão subjetiva teria permanecido tão imatura e incompleta? Quais as causas históricas mais profundas deste descolamento entre o amadurecimento histórico da objetividade e a carência universal do fator "subjetivo"? Constatar historicamente a carência do

fator subjetivo ao lado do alegado amadurecimento dos fatores objetivos não resolve a questão. Apenas a torna mais aguda e urgente, pois quais seriam as causas do não surgimento das direções revolucionárias, nos termos postos por Valério Arcary? Recorrer às traições - verdadeiras e que devem ser sempre denunciadas e jamais esquecidas, senão como aprender com os erros do passado?— não resolve, ainda, o problema. Pois, porque as traições tenderam a predominar no movimento revolucionário, e não as posições revolucionárias que supostamente seriam muito mais condizentes como amadurecimento histórico da revolução?

Colocadas estas poucas questões, podemos agora acrescentar o que, a nosso ver, corresponde a uma das grandes virtudes do livro em questão. Além da atualidade e da pertinência do tema, o texto possui, ainda, uma outra grande qualidade: concordemos ou não com suas teses principais, avoca o debate para muitas das questões centrais para os revolucionários de nossos dias. Por isso, a nosso ver, é uma leitura obrigatória.

A teoria do fascismo em Léon Trotsky – Ernest Mandel

A teoria do fascismo elaborada por Léon Trotsky apresenta-se como um conjunto de seis elementos; cada elemento é provido de uma certa autonomia e conhece uma evolução determinada sobre a base das suas contradições internas; mas não podem ser compreendidas como totalidade fechada e dinâmica, e só a sua interdependência pode explicar a ascensão, a vitória, e o declínio da ditadura fascista.

O ascenso do fascismo é a expressão da grave crise social do capitalismo de idade madura, de uma crise estrutural, que, como nos anos 1929-1933, pode coincidir com uma crise económica clássica de superprodução, mas que ultrapassa largamente tal oscilação da conjuntura. Trata-se fundamentalmente de uma crise de reprodução do capital, isto é, da impossibilidade de prosseguir uma acumulação “natural” do capital, dada a concorrência ao nível do mercado mundial (nível existente dos salários reais e da produtividade do trabalho, acesso às matérias-primas e aos mercados). A função histórica da tomada do poder pelos fascistas consiste em modificar pela força e violência as condições de reprodução do capital em favor dos grupos decisivos do capitalismo monopolista.

Nas condições do imperialismo e do movimento operário contemporâneo, historicamente desenvolvido, a dominação política da burguesia exerce-se com maior vantagem – isto é, com os custos mais reduzidos – por intermédio da democracia parlamentar burguesa que oferece, entre outros, a dupla vantagem de desarmar periodicamente as contradições explosivas da sociedade por certas reformas sociais, e de fazer participar, diretamente ou indiretamente, no exercício do poder político, um setor importante da classe burguesa (através dos partidos burgueses, dos jornais, das universidades, das organizações patronais, das administrações locais e regionais, das cimeiras do aparelho de Estado, do sistema do Banco central). Esta forma de dominação da grande burguesia – em nenhum caso a única, do ponto de vista histórico¹ – é, porém determinada por um equilíbrio muito instável das relações de forças económicas e sociais. Que este equilíbrio venha a ser destruído pelo desenvolvimento objetivo, e não reste mais à grande burguesia senão uma saída: experimentar, ao preço da renúncia ao exercício direto do poder político, instalar uma forma superior de centralização do poder executivo para a realização dos seus interesses históricos. Historicamente, o fascismo é portanto ao mesmo tempo a realização e a negação das tendências inerentes ao capital monopolista e que Hilferding, o primeiro a revelar, a “organização” de maneira “totalitária” a vida de toda a sociedade no seu interesse²: realização, porque o fascismo preencheu essa função; negação, porque, contrariamente às ideias de Hilferding, ele não podia preencher essa função senão pela expropriação política completa da burguesia³.

Nas condições do capitalismo industrial monopolista contemporâneo, uma centralização tão forte do poder de Estado, que implica além disso a destruição da maior parte das conquistas do movimento operário contemporâneo (em particular, de todos os “germes de democracia proletária no quadro da democracia burguesa” como Trotsky designa justamente as organizações do movimento operário) é praticamente irrealizável por meios puramente técnicos, dada a enorme desproporção numérica entre os salários e os detentores do grande capital. Uma ditadura militar ou um Estado puramente policial – para não falar da monarquia absoluta – não dispõe de meios suficientes para atomizar, desencorajar e desmoralizar, durante um longo período, uma classe social consciente, rica de vários milhões de indivíduos, e para prevenir assim qualquer avanço da luta de classes das mais elementares, avanço que só o jogo das leis do mercado desencadeia periodicamente. Para isso, é necessário um movimento de massas que mobilize um grande número de indivíduos. Só um tal movimento pode dizimar e desmoralizar a franja mais consciente do proletariado pelo terror de massa sistemático, por uma guerra de assédio e de combates de rua, e, após a tomada do poder, deixar o proletariado não somente atomizado no seguimento da destruição total das suas organizações de massa, mas também desencorajado e resignado. Esse movimento de massas pode, pelos seus próprios métodos adaptados às exigências da psicologia das massas, conseguir não somente que um aparelho gigantesco de porteiros, polícias, de células do NSBO⁴ e simples bufos, submetam os assalariados politicamente conscientes a uma vigilância permanente, mas também a que a parte menos consciente dos operários e, sobretudo, dos empregados, seja influenciada ideologicamente e parcialmente reintegrada numa colaboração de classes efetiva.

Um tal movimento de massas não pode surgir senão no seio da terceira classe da sociedade, a pequena burguesia, que, na sociedade capitalista, existe ao lado do proletariado e da burguesia. Quando a pequena

burguesia é atingida tão duramente pela crise estrutural do capitalismo de idade madura, que caia no desespero (inflação, falência dos pequenos patrões, desemprego massivo dos diplomados, dos técnicos e dos empregados superiores, etc.), é então que pelo menos numa parte desta classe, surge um movimento tipicamente pequeno burguês, mistura de reminiscências ideológicas e de ressentimento psicológico, que alia um nacionalismo extremo e uma demagogia anticapitalista⁵, violenta pelo menos em palavras, uma profunda hostilidade em relação ao movimento operário organizado (“nem marxismo”, “nem comunismo”). Desde que o movimento, que recruta essencialmente entre os elementos sem referência de classe da pequena burguesia, as suas ações e suas organizações, um movimento fascista nasce. Após uma fase de desenvolvimento independente, permitindo-lhe tornar-se um movimento de massas e de tomar ações de massa, ele necessita do apoio financeiro e político de frações importantes do capital monopolista para subir ao poder.

A aniquilação e esmagamento prévio do movimento operário, quando a ditadura fascista quer cumprir o seu papel histórico, são indispensáveis, só se tornam possíveis porém se, no período precedendo a tomada do poder, o fiel da balança pende de maneira decisiva em favor dos bandos fascistas e em desfavor dos operários⁶.

O ascenso de um movimento fascista de massa é de certa forma uma institucionalização da guerra civil, onde, porém, as duas partes têm objetivamente uma oportunidade de ganhar (é a razão pela qual a grande burguesia não apoia nem financia tais experiências senão nessas condições completamente particulares, “anormais”, porque esta política de tudo por tudo apresenta incontestavelmente um risco à partida). Se os fascistas conseguem varrer o inimigo, isto é a classe operária organizada, a paralisá-lo, a desencorajá-lo e a desmoralizá-lo, a vitória está-lhe assegurada. Se, ao contrário, o movimento operário consegue repelir o ataque e a tomar ele próprio a iniciativa, ele infligirá uma derrota decisiva não somente ao fascismo mas também ao capitalismo que o engendrou. Isso deve-se a razões técnico-políticas e socio-psicológicas. À partida, os bandos fascistas não organizam senão a fração mais decidida e a mais desesperada da pequena burguesia (a sua fração “enraivecida”).

A massa dos pequenos burgueses, assim como a parte pouco consciente e desorganizada dos assalariados, sobretudo dos jovens operários e empregados, oscilará normalmente entre os dois campos. Eles terão tendência a se alinharem do lado daquele que manifestará maior audácia e espírito de iniciativa, eles apostam com boa vontade no único cavalo vencedor. É o que permite afirmar que a vitória do fascismo traduz a incapacidade do movimento operário em resolver a crise do capitalismo maduro segundo os seus interesses e objetivos. De facto, uma tal crise não faz, geralmente, senão dar ao movimento operário uma oportunidade de se impor. É somente quando ele deixa escapar esta oportunidade e a classe é seduzida, dividida e desmoralizada, que o conflito pode conduzir ao triunfo do fascismo.

Se o fascismo não conseguiu “esmagar o movimento operário de forma violenta”, ele cumpriu a sua missão na opinião dos representantes do capitalismo monopolista. O seu movimento de massa burocratiza-se e funde-se no aparelho de Estado, o que não pode produzir-se senão a partir do momento onde as formas mais extremas da demagogia plebeia pequena burguesa, que faziam parte dos “objetivos do movimento”, desapareceram da superfície e da ideologia oficial. O que não está de forma nenhuma em contradição com a perpetuidade de um aparelho de Estado altamente centralizado. Se o movimento operário foi vencido e as condições de reprodução do capital no interior do país modificaram-se no sentido que é fundamentalmente favorável à grande burguesia, o seu interesse político confunde-se com a necessidade de uma mudança idêntica ao nível do mercado mundial. A falência ameaçadora do Estado desenvolve-se igualmente. A política do tudo por tudo do fascismo é levada ao nível da esfera financeira, atea uma inflação permanente, e, finalmente não deixa outra saída senão a aventura militar no exterior. Uma tal evolução não favorece de forma nenhuma o reforço do papel da pequena burguesia na economia e na política interior, mas pelo contrário, ela provoca a deterioração das suas posições (com a exceção da franja que pode ser alimentada com as prebendas do aparelho de Estado que se autonomiza). Não é o fim da “escravatura aos credores”, mas pelo contrário, a aceleração da concentração do capital.

É aqui que se revela o carácter de classe da ditadura fascista, que não corresponde ao movimento fascista de massa. Ela defende não os interesses históricos da pequena burguesia, mas os do capital monopolista. Uma vez esta tendência realizada, a base de massa ativa e consciente do fascismo retrai-se necessariamente. A ditadura fascista tende ela própria a destruir e reduzir a sua base de massa. Os bandos fascistas tornam-se apêndices da polícia. Na sua fase de declínio, o fascismo torna-se de novo numa forma particular de bonapartismo. Tais são os elementos constitutivos da teoria do fascismo de Trotsky. Ela apoia-se na análise das condições particulares nas quais a luta das classes nos países altamente industrializados, se desenvolve quando a crise estrutural do capitalismo de idade madura (Trotsky fala da “época do declínio do capitalismo” e sobre uma combinação particular – característica do marxismo de Trotsky – dos fatores objetivos e subjetivos da teoria da luta de classes e na tentativa de influir na prática sobre ela.

Notas:

1) Somos sempre surpreendidos pela curiosa amnésia que atinge os ideólogos burgueses a propósito da história recente da sociedade burguesa. Nos dois séculos que seguiram a primeira revolução industrial, o

Estado na Europa ocidental tomou o sucessivamente a forma da monarquia aristocrática, do cesarismo plebiscitário, do parlamentarismo liberal conservador (com o direito de voto limitado a 10% ou mesmo por vezes a 5% da população), da autocracia caracterizada, e isso, qualquer que seja o país estudado. A democracia de tipo parlamentar, baseada no sufrágio universal, é praticamente em todo o lado – com a exceção de um curto período durante a Grande Revolução francesa – uma conquista da luta do movimento operário e não da burguesia liberal.

2) Poder económico significa ao mesmo tempo poder político. Aquele que domina a economia e dispõe igualmente de todos os poderes do Estado. Mais a concentração na esfera económica é forte, mais a dominação sobre o Estado aparece como a cimeira da potência, o Estado apresenta-se como o instrumento insubstituível da manutenção da dominação económica... O capital financeiro sob a sua forma acabada é o grau superior da perfeição do poder económico e político entre as mãos da oligarquia capitalista. Ela finaliza a ditadura dos magnatas do capital” Rudolf Hilferding, *Le Capital financier*, escrito em 1909, Viena (edição da librairie du Peuple), pp. 476 e seguintes.

3) O que explica que Hilferding no fim da sua vida, na véspera da sua morte, seja chegado à conclusão errada que a Alemanha nazi não era uma sociedade capitalista, porque o poder pertencia a uma burocracia totalitária; esta conclusão errada é contemporânea da tese de Burnham sobre “a era dos gerentes”.

4) Nationalsozialistische Betriebsorganisation: organização do partido nazi (NSDAP) nas empresas.
5) Todavia, trata-se sempre de uma forma bem precisa de demagogia, que não ataca senão certas formas bem precisa do capitalismo (“a escravatura aos credores”) os grandes armazéns, o capital “açambarcador” em oposição ao capital “criador”, etc.); a propriedade privada como tal e o poder do patrão na empresa nunca são metidos em questão.

6) Se tal não é o caso, se os trabalhadores conservam a sua combatividade e energia combatente, a tentativa de um movimento fascista de massa para se amparar do poder pode desencadear um gigantesco desenvolvimento revolucionário. Em Espanha, a resposta ao golpe militar fascista de Julho 1936 foi o levantamento revolucionário da classe operária, que, em alguns dias, infligiu aos fascistas uma esmagadora derrota militar nas grandes cidades e bairros operários, e forçou-os a recuarem para o campo. O facto que os fascistas, no seguimento de uma guerra civil renhida durante três anos, tenham finalmente conseguido emparar-se do poder, explica-se tanto pela intervenção de fatores exteriores assim como pelo papel trágico da direção do partido e do governo de esquerda, que impediram os trabalhadores de acabar rapidamente a revolução iniciada com sucesso; em particular, uma reforma agrária radical e a proclamação da independência de Marrocos teriam suprimido o último bastião do poder de Franco entre os camponeses atrasados e os mercenários do Norte de África.
